

**Ruína, Resistência e Resiliência: uma cartografia da Costa da
Lagoa da Conceição em Florianópolis - SC**

Djonathan Freitas

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, UFSC - PósArq, Brasil.
freitas_djonathan@hotmail.com

Evandro Fiorin

Professor Doutor, UFSC, Brasil.
evandrofiorin@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a importância histórica, cultural e ambiental do caminho da Costa da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, Santa Catarina. O percurso é pouco estudado pela historiografia e pretende revelar um outro olhar sobre a comunidade que habita essa região de difícil acesso na paisagem insular, bem como, o patrimônio cultural ainda ali existente. Para isso, foram realizados levantamentos acerca da história de ocupação da região, principalmente frente às transformações dos modos de vida atuais, buscando evidenciar os seus traços culturais, os quais ainda preservam resquícios dos antigos imigrantes açorianos. Sendo assim, por meio do caminhar como prática estética, na busca por um encontro com o Outro, investigamos o que chamamos aqui de caminho das ruínas, ou seja, algumas arquiteturas abandonadas ao longo da Costa da Lagoa da Conceição, ressaltando a importância para a construção de identidades e a necessidade de permanência, sem que haja um rejuvenescimento arquitetônico. Como resultados, construímos uma discussão sobre a relevância desse patrimônio e de sua paisagem cultural tendo em vista os conceitos e os processos de percepção que revelem as surpresas dessas ruínas como resistência e resiliência desse lugar para a constituição de promontório de desejos.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural. Percepção da paisagem. Cartografia na Ilha de Florianópolis.

1 INTRODUÇÃO

O caminho que leva a Costa da Lagoa é um bem tombado pelo Decreto Municipal nº 247/86 como Patrimônio Histórico e Natural do Município de Florianópolis/SC, no bairro da Lagoa da Conceição, local que ainda preserva hábitos trazidos pelos primeiros colonizadores da região, os açorianos, índios e negros (CABRAL,1994). Com o aumento das transformações urbanas, o seu traçado de ocupação inicial e os remanescentes arquitetônicos existentes foram ruindo em meio à vegetação e diante das construções contemporâneas, sendo fadado a muitas modificações, quiçá, ao esquecimento.

Esta pesquisa vem reforçar uma possibilidade de percepção ambiental da paisagem desse caminho, no que se refere à construção de identidades, porque acreditamos ser muito importante evidenciar um conjunto de valores que estão guardados na memória coletiva dessa comunidade. Assim, queremos apontar para a existência de elementos culturais significativos, como os seus acessos, que se dão apenas a pé, ou por meio de transporte de barqueiros; os antigos trajetos de pedras, além das reminiscências arquitetônicas de engenhos e sobrados, configurando locais emblemáticos para a cultura desse espaço.

Investigamos o que chamamos aqui de caminho das ruínas, ou seja, arquiteturas de pedra em estado de abandono, ao longo de um percurso. Uma rota que é por nós recomposta por meio de pistas, rastros a serem seguidos, por entre pedras empilhadas, imagens que vão exercitar nosso olhar de detetives do espaço, para elucidar uma possibilidade de perceber esse trajeto por meio de uma interpretação singular. Desse modo, o caminhar é a nossa ferramenta de pesquisa estética e de interpretação dessa paisagem, onde a partir dos nossos passos, seja possível compor e, também, revelar uma paisagem, para que possa, assim, ser compreendida e a ela atribuída significados (CARERI, 2013).

Nessa investigação do caminhar, temos como objetivo apontar algumas ruínas por entre o caminho e reconhecer nelas um sentido de *resistência* (ALMEIDA; SALDANHA, 2014), buscando evidenciar seus traços culturais e arquitetônicos que ainda se mantêm no contexto atual das transformações dessa paisagem. Além disso, por meio de uma observação sensível do lugar, pretendemos buscar um entendimento desse caminho produzindo interpretações que possam ler, também, as resiliências (HOLLING, 1973) espaciais, diante da capacidade de adaptação do local a essas mudanças. Dessa maneira, registramos aqui a nossa saída em direção a comunidade da Costa da Lagoa, descobrindo alguns dos traços de sua ocupação

secular, identificando objetos remanescentes, como engenhos, sobrados e seus vestígios, para revelar algumas das histórias incrustadas dessas ruínas.

No percurso, cartografamos os retratos que desvelam o caminho até chegar a essa comunidade, construindo com um “olhar do estrangeiro” (PEIXOTO, 1988), em um desejo de contar histórias simples e originais, que são atravessadas pelas possibilidades de documentar, mas, também, de criar ficções, em um jogo lúdico que criamos aqui para fazer um recorte da realidade. Assim, aceitamos as ruínas e reconhecemos seu estado de arruinamento como uma característica capaz de agregar algum valor estético, entendendo suas transformações como resultado do passar do tempo (KÜHL, 2004). Desse modo, aceitamos os desvios do exercício do caminhar e da própria arquitetura em ruína, que põe em operação um mecanismo perceptivo sempre em movimento, não se encerrando aqui, mas, de algum modo, produzindo uma outra singularidade, principalmente no encontro com o inesperado e com os outros.

2 METODOLOGIA

O caminhar como prática estética de Francesco Careri (2016) foi assumido como modalidade de pesquisa, seja como um instrumental ou como uma técnica de percepção dessa paisagem da produção. Nos propomos caminhar, buscando explicitar essa experiência e demonstrá-la sem determiná-la como coleta de dados que venha a resultar em conclusões, mas sim, uma construção sempre em processo para informar um espaço que está sendo reconhecido. É nesse sentido que todo o percurso evoca uma forma de conhecimento.

Sendo assim, caminhamos como estrangeiros em terras de descobrimento (FIORIN, 2020), construindo um olhar de estranhamento sobre o lugar, lido pela fenomenologia, pela semiótica e acionados pelo método da cartografia, recorrendo à fotografia como instrumento possível para descrever o local e auxiliar nos processos de investigação para a constituição de mapas que revelem nossos percursos pelo trajeto das ruínas. Essa estratégia busca por um encontro com o inesperado, com os outros (FOUCAULT, 2009, p. 421), diante de um espaço que não é encerrado em si mesmo.

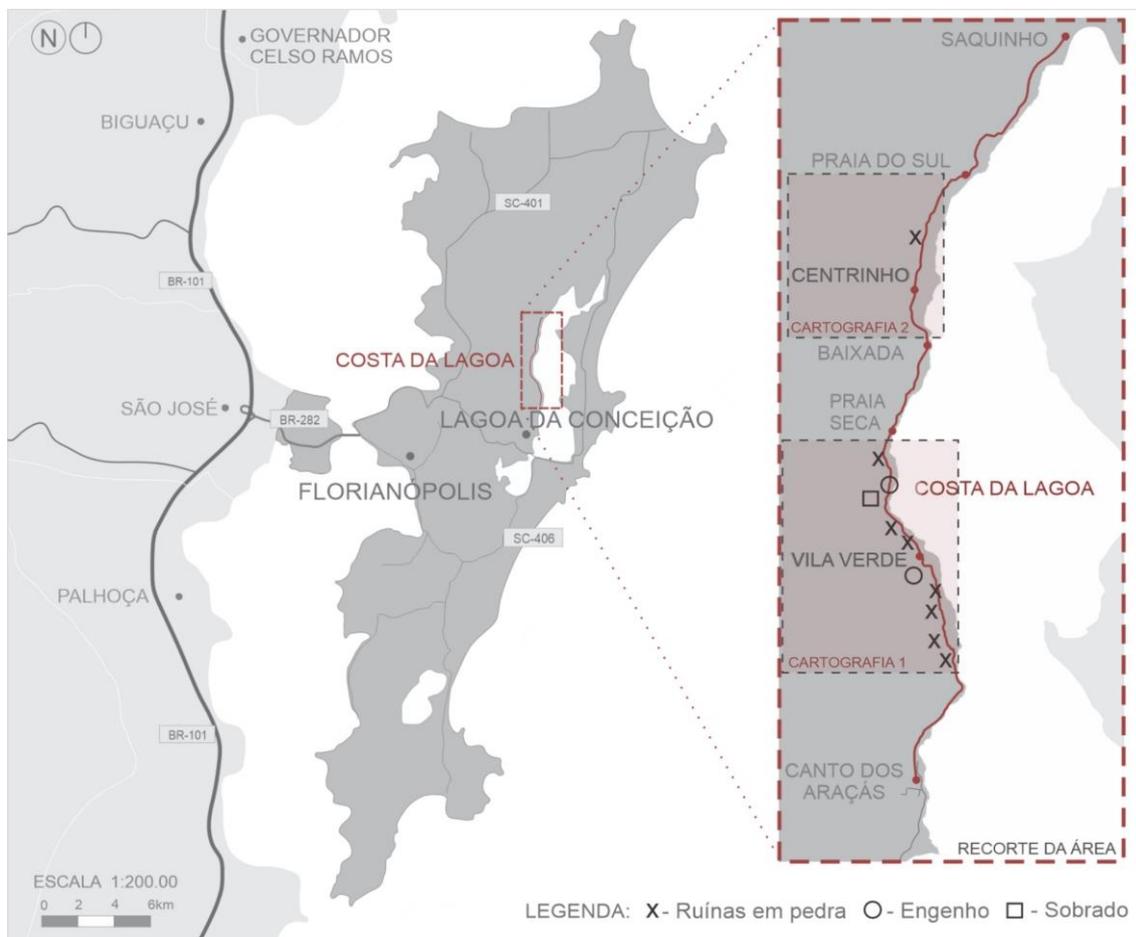
Nesse sentido, o “olhar do estrangeiro” (PEIXOTO, 1988), nos auxilia não apenas em um desejo de traçar possibilidades de documentar, mas, também, criar narrativas, em um jogo lúdico para fazer um recorte de uma realidade arruinada. Trata-se de flagrar esse momento do espaço/tempo em que o sujeito se inteira da aparência da ruína e, ao mesmo tempo, de si mesmo; como se seu corpo traduzisse a história do lugar, da paisagem que antes acionava a estrutura física intrinsecamente relacionada à vivacidade de uma comunidade. Isto porque, nesse momento, temos que ativar os traços mnemônicos para reconstruir um caminho, uma história de usos e ocupações pelas fotos que coletamos: *resistências e resiliências* da Costa da Lagoa.

De alguma maneira, a fotografia nos ajuda com um olhar sobre o que nos é estranho, principalmente, daqueles lugares mais externos, obsoletos, limítrofes ou viscerais, de onde se ausentaram os sistemas produtivos, sociais e de poder, e também do espaço da ruína – o acidente do fluxo do capital e da velocidade, um local à margem. Esses espaços são lidos, portanto, como lugares de *resistência*, exatamente porque abrem campo para a criação da “arquitetura da ação e do acontecimento, ou aquela que não é alheia” (ALMEIDA; SALDANHA, 2014, p. 110).

Nessa medida, toda ruína, em nosso entendimento, abre espaço para o inesperado, a surpresa, o imprevisto. Assim, o caminho se revela pela modalidade de pesquisa que adotamos sempre em aberto, tal como a capacidade de um sistema se adaptar às mudanças e alterações, aos fatores estruturais e de ação humana. A partir da definição de *resiliência* (HOLLING, 1973), que procurou se realizar uma compreensão das modificações no desenvolvimento da Costa da Lagoa ocorridas, especialmente, na virada do século XX. O rastro dos traços arquitetônicos da arquitetura açoriana construída pelos antigos imigrantes ilhéus no passado florianopolitano, ainda mantidos de pé a duras penas, segue sendo nossa tarefa aqui.

Os registros das ruínas dessa arquitetura, por meio da vivência do caminhar em uma experiência peripatética é apresentado como uma cartografia que chamamos: “caminho das ruínas”. Um percurso fragmentado que nos possibilita transitar literalmente pelas margens, mas, também, que nos coloca dentro do mapa, porque nos tornamos protagonistas dessa nova história que recontamos aqui. De algum modo, esperamos que esse método cartográfico, ligado intrinsecamente a prática do percurso, do fazer para saber, construa algum tipo reconhecimento sem que o sentido de “rejuvenescimento” desses bens arruinados (KÜHL, 2004) seja requerido, de modo a despertar um juízo estético sobre a relevância da resistência e resiliência das ruínas da Costa da Lagoa.

Figura 1 – Mapa de localização da Costa da Lagoa.



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES (2022)

2 O CAMINHO DAS RUÍNAS

Os movimentos de caminhar e parar descritos por Careri (2013), serviram-nos de orientação, para uma descoberta do lugar pela experiência em si, por entre os remanescentes em ruínas e os afetos da comunidade da Costa da Lagoa. O caminho repleto de surpresas seja pelos fragmentos de pedras, ou ruídos de animais silvestres e odores da vegetação existente, despertam os sentidos no corpo e ativam os instrumentais utilizados para os nossos registros fotográficos. O campo da visualidade é muito mais abrangente quando vivenciamos o lugar e seus espaços ocupam todos os nossos outros sentidos. A experiência fenomenológica faz com que possamos compreender mais sobre o que não nos é dado à vista. Essa visibilidade de uma paisagem rica em sons e odores passa a ser compreendida com linguagem e, lida também por seu viés semiótico. Ferrara (2012) descreve essa semiótica da paisagem considerando as “formas da sua materialidade e as transformações que entre elas se processam, supõe considerar a evolução dos sentidos que, se são por ela estimulados, não assinalam o fluxo da sua evolução demarcada pela passagem interminável do tempo.” (FERRARA, 2012, p. 46).

Atravessamos por cinco pequenas vilas: a Vila Verde, onde encontra-se o único engenho de farinha pertencente à comunidade; logo adiante, encontramos o Sobrado da Dona Lóquinha em conjunto com seu engenho; dez minutos de barco e chegamos à Vila da Praia; Em seguida, na mesma enseada, a Vila da Baixada, onde nos deparamos com aglomerados de pedra de antigos engenhos; próximo a ela, a Vila Centrinho da Costa, onde estão os principais serviços do lugar, tais como: Posto de Saúde, Escola Primária, Salão Paroquial, igreja, restaurantes e mercadinhos. E por último nos deparamos com a Vila da Praia do Sul, local onde reside apenas um morador, na Praia do Saquinho.

O encontro com as ruínas foi muito emblemático durante o percurso que fizemos nessa investigação, isto porque, para que possamos compreender a situação dos fragmentos ao longo do Caminho da Costa da Lagoa, é preciso observarmos para além desse caminho institucionalizado e transitável que leva às vilas que descrevemos acima e adentrar em meio à vegetação, onde estão os agrupamentos de pedras dos antigos engenhos e casarios coloniais, que compõem alguns rastros que detectamos da conformação histórica destas estruturas e de sua construção em relação com a antiga paisagem da produção.

Figura 2 – Aglomerados de pedras entre à mata e o caminho.



Fonte: ACERVO DOS AUTORES (2022)

Há nesse caminho uma reconhecida potência de interpretação, porque evoca outros mundos. Poderiam ter sido castelos, antigas fortalezas ou, simplesmente muros, para um leigo que refizesse o percurso. O imaginário de uma criança também poderia vislumbrar as imagens mais fantasiosas. Sabemos, entretanto, que estes agrupamentos de pedra são partes de alguns dispositivos produtivos que funcionaram como antigos engenhos. São índices da resistência do tempo em relação ao espaço, fragmentos da resiliência de uma arquitetura que vai aos poucos se adaptando e se transformando em uma outra coisa. Um cenário de estranhamento que vai desvelar para cada um que as visite um imaginário singular.

É justamente essa possibilidade de ser algo para além do que realmente já foi, que faz dessas ruínas um promontório de desejos. Nesses espaços é possível uma descoberta com um outro sentido de espaço. Um lugar outro, que lida com a imaginação, se liga a um universo de anseios e aspirações. E nessa dimensão a ruína ganha contornos próprios para cada sujeito que as descubra. Sem qualquer roteiro pré-definido ou mapa a já traçado. A imposição do caminhar como pressuposto para um descobrimento, traz à tona um valor pitoresco, uma das qualidades essenciais de um monumento.

Logo mais à frente, nesse nosso percurso, temos as ruínas de uma antiga edificação, conhecida como o “sobrado da Dona Lóquinha”, ao lado, o seu engenho – que hoje serve como moradia –; o local pertenceu a uma das cinco primeiras famílias a se instalarem na Costa da Lagoa entre os anos de 1750 e 1780. De tipologia Colonial, se constituem como pontos de encontro e de parada contemplativa, ainda se caracterizam como lugares de afeto, porque alguns moradores reproduzem suas histórias de pertencimentos ao caminho.

Figura 3 – Vista aérea do Sobrado em ruínas da Dona Lóquinha e o seu antigo engenho.



Fonte: ACERVO DOS AUTORES (2022)

A esses relatos, vale ressaltar a importância dos engenhos e sobrados em termos sociais como espaço de memória, ligado à vida cotidiana das pessoas, à sua sociabilidade, às recordações da sua infância e, algumas vezes, até à própria morte. Entendemos que o sentido de pertencimento por parte da comunidade é fundamental para qualificar o seu estágio de preservação. Isto porque essas narrativas evocam uma legibilidade da realidade, pois contam algo mais sobre as especificidades do lugar do que, simplesmente, as estruturas arquitetônicas em si.

Desse modo, o engenho que está localizado na Vila Verde, construído por volta do ano de 1790 – único com características de tração animal – ainda permanece sob cuidados da comunidade da Costa da Lagoa. Estar nesse engenho revela muito mais sobre o simples fato de

descrevê-lo. Isto porque, a interpretação dos seus arranjos espaciais, exige outro movimento de religação desse exemplar arquitetônico com a paisagem de produção. Cada detalhe possui especificidades de usos e de funções, ressalta formas e objetos, usos e ocupações. Assim está intimamente relacionado com a sua localização, seja pelos simbolismos ou, pelas significações que ainda suscita para a população que reconta sua história.

De acordo com Várzea (1963), os engenhos e sobrados assentavam-se nos centros das áreas de terra, à beira das vias de rodagens, próximos aos rios, onde a água era abundante para todas as atividades. Eram adaptados a partir da funcionalidade e de materiais disponíveis. Assim, os ranchos de engenho seguiam uma tipologia arquitetônica de edificação térrea, de vão único, podendo também servir de moradia em épocas específicas de produção. Dentre as técnicas de construção, podemos destacar o tabique, alvenaria de pedra, tijolo argamassados e o pau-a-pique. Nesse sentido, a relação entre a lagoa e os engenhos, reforçam o seu papel central diante da paisagem de produção. Entretanto, na década de 1960, com os processos de modernização e as sucessivas investidas imobiliárias, muitos dos engenhos da Costa da Lagoa foram abandonados, sobrando deles apenas alguns muros de pedras ou traços e vestígios em seus sítios.

Figura 4 – Engenho de Farinha e técnica construtiva de pau-a-pique



Fonte: ACERVO DOS AUTORES (2022)

Em complemento, os escritos de Júnior (1981) apontam que:

[...] A população remanescente da Costa da Lagoa passou a dedicar-se quase que exclusivamente à pesca, com uma ou outra roça de feijão, mandioca ou aipim e colhendo dos pomares que já existiam, o café, a bergamota e a laranja. Com a diminuição da produção de mandioca, os engenhos ficaram abandonados, muitos apodrecendo no tempo. Sem produção de cana, desapareceram os alambiques, moedas e o barulho de rodas d'água dos engenhos, restando somente ruínas das paredes dos alicerces. (JUNIOR, 1981, p.4.2).

Figura 5 – Engenho de Farinha e estrutura de produção ressignificada pelos moradores da comunidade.



Fonte: ACERVO DOS AUTORES (2022)

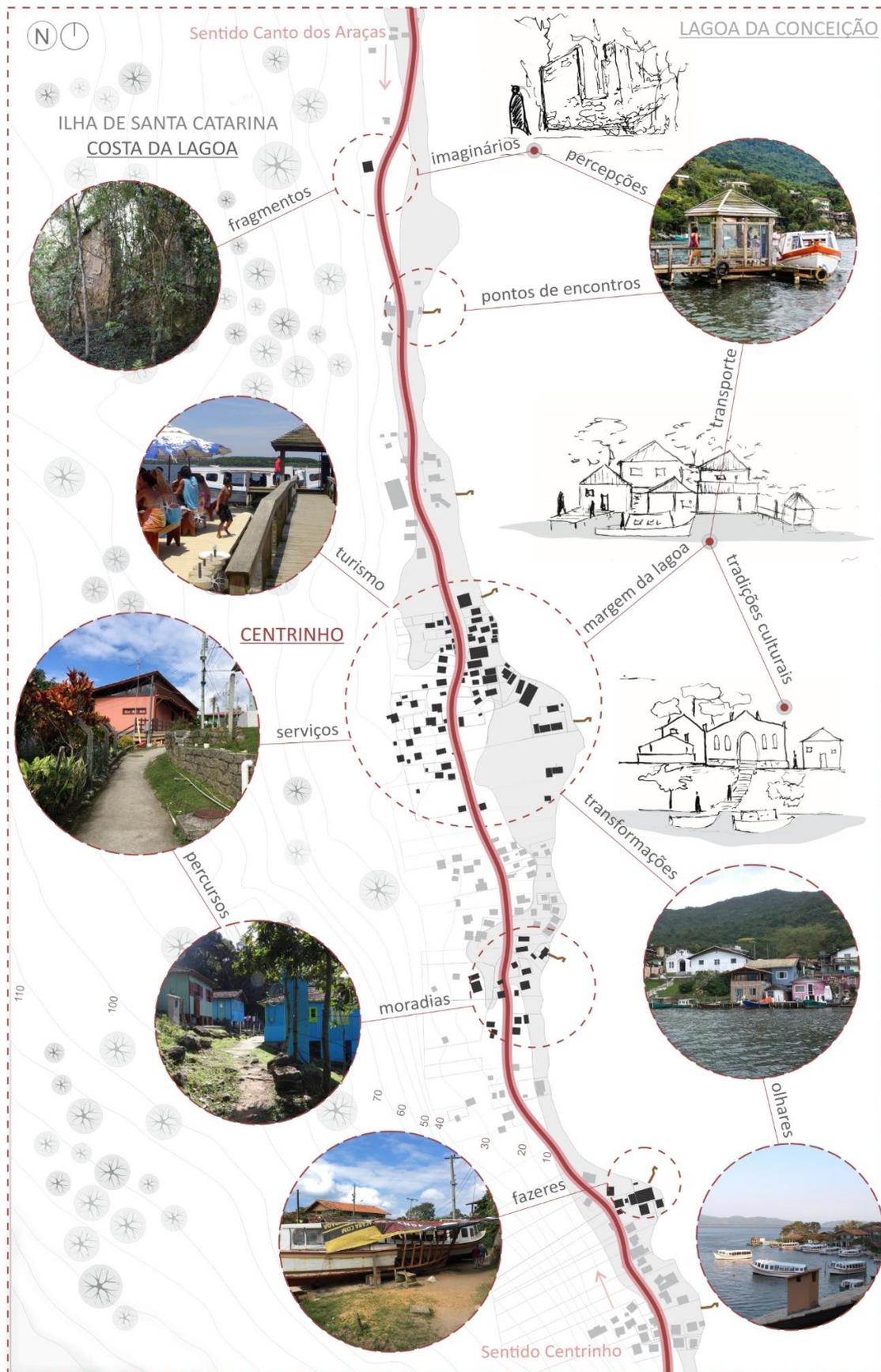
De alguma forma, o que restou de alguns desses engenhos e sobrados ainda pode acomodar um sentido de resistência (ALMEIDA; SALDANHA, 2014) dessa arquitetura, mesmo frente às mudanças do nosso tempo. Isto porque, há um novo imaginário capaz de se revelar no lugar, justamente pelos vestígios sobrepostos, principalmente evidenciados pelo abandono, ou pelas marcas do que essa paisagem de produção significou para a capital catarinense num momento em que o patrimônio industrial rural tinha grande importância para a permanência e subsistência das famílias imigrantes açorianas.

Figura 6 – Cartografia 1: Caminho das ruínas.



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES (2022)

Figura 7 – Cartografia 2: Encontro com o Outro no centro do mapa.



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES (2022)

Assim, revelar mais sobre essa localidade, constituída, quase que em sua totalidade, como Área de Preservação Permanente – APP e Área Residencial Cultural conforme o Plano Diretor de Florianópolis/SC do ano de 2014, não é tarefa fácil. Exige, também, um outro olhar sobre o patrimônio cultural ainda existente. Isto porque, os traços da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, mesmo diante do processo de deterioração, ainda resistem e podem seguir se adaptando às mudanças e alterações, diante dos problemas estruturais e da ação humana. Essa dificuldade de acesso, talvez, resguarde seu caráter de resiliência (HOLLING, 1973). Assim, a ruína se mantém intocada e se transforma na medida em que o tempo avança. Comumente o novo é visto como belo, enquanto o velho é desagradável. Porém, há aspectos importantes a serem conservados como a pátina do tempo sobre essas edificações. Não haveria sentido retocá-las para servirem como um ponto turístico. Nesse sentido, os aspectos originais da passagem do tempo na obra e as suas estratificações expõem, justamente, o curso natural do envelhecimento dos monumentos e contribuem para a conformação da ruína e da ética de seu juízo estético. Deste modo, qualquer processo de revalorização, que envolva um processo de rejuvenescimento iria contra todo o sentido da ruína.

Esse “rejuvenescimento” forçado de nossos bens culturais faz parte, na verdade, de um fenômeno mais amplo, que se acentuou em tempos recentes: a busca de juventude a qualquer preço, que também acaba por repercutir no trato dos monumentos históricos, que passam a ter a obrigação de parecer novos (KÜHL, 2004, p. 321).

Françoise Choay (2001), discorre sobre essa visão, considerando a pátina do tempo um dos “signos de um novo valor pitoresco”, abordada pelos teóricos que também defendiam a mínima intervenção nos monumentos antigos, tal como Ruskin (2008), para o qual esse sentido era “uma qualidade essencial dos monumentos” que deveria justamente, ser conservada. Logo, reconhecemos aqui o estado de arruinamento como uma característica que agrega um valor histórico para a região da Costa da Lagoa. Com base nessa ideia, entendemos que preservar esse patrimônio cultural significa manter suas qualidades espaciais de resistência e resiliência, sem buscar qualquer sentido de rejuvenescimento, para que cada sujeito que perambule pelo caminho das ruínas da Costa da Lagoa da Conceição em Florianópolis possa ser surpreendido pelos espaços prechos de sentido que estão por serem descobertos.

4 CONCLUSÃO

O ato de caminhar pelo que chamamos de “caminho das ruínas”, nos colocou como operadores de um sistema para compor um processo de reconhecimento do território que nos permitiu vivenciar experiências em um caminho que se inventa, ao mesmo tempo em que se percorre. Assim, as pistas cartográficas nos revelaram não apenas um modo de fazer para saber mais sobre uma paisagem arruinada, mas, também, possibilitaram considerar a criação de alguns lugares imaginados. Dessas paisagens de produção do passado ainda reminiscentes na Costa da Lagoa levamos um presente: a construção de laços de afeto. Ao percorrermos um caminho que nos leva ao conhecimento de um espaço, somos tomados de assalto pelo que nos surpreende e nos faz refletir mais sobre o nosso verdadeiro papel de pesquisadores, abrindo caminho que outros possam fazer o mesmo.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sebastião Ferreira de; SALDANHA, Márcia. **Ruína como resistência**: um lugar estranho num promontório de desejos. Revista Arca de Arquitetura e Urbanismo, Lisboa, v.137, p. 108-111, abr. 2014.

CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

_____. **Caminhar e Parar**. Barcelona: Editora G. Gili, 2017.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

FIORIN, E. **Caminhar como estrangeiro em terras de descobrimentos**. ANAP: Tupã-SP, 2020.

FERRARA, Lucrecia D Alessio. **As mediações da paisagem**. V. 15, n.29, p. 43-50. São Paulo: Líbero, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Outros espaços**. In: FOUCAULT, Michel (Org.). **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, pp. 411-422.

HOLLING, C.S. **Resilience and Stability of Ecological Systems**. In Annual Review of Ecology and Systematics, Vol. 4, 1973, p. 1-23.

JÚNIOR, Cesário Simões. **Projeto de tombamento do Caminho da Costa da Lagoa**. IPUF, 1981.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. V. 12. p. 309-330. 2004.

PEIXOTO, N. B. **O Olhar do Estrangeiro**. In: NOVAES, A. O Olhar. São Paulo: Cia das Letras, 1988. pp. 361-363.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Tradução Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

VÁRZEA, V. **Santa Catarina: a Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985